

MOTA, Marcus. **A obra como experiência recepcional: o caso das As Etiópicas, de Heliodoro. De Shakespeare até nós.** Brasília/Lisboa. Laboratório de Dramaturgia/Universidade de Brasília/Departamento de Letras Universidade de Lisboa. Pós-Graduação em Arte-UnB; Professor Associado. Dramaturgo e Compositor.

### RESUMO

A reinvenção da tradição grega por meio de fusões, hibridizações e renegociações estéticas e culturais atinge uma etapa fundamental no Helenismo. Com a expansão das imagens e textos da Grécia antiga para a Ásia, Europa e África, os entrecosques entre formas de expressão e vivência produzem um verdadeiro laboratório de construção de identidades e modelos de sociabilidade.

*As Etiópicas*, no século III de nossa era reprocessa a tradição performativa registrada nos textos clássicos e a redefine a partir de toda uma erudição letrada. Neste reprocessamento, no entanto, neste experimento ficcional, não temos a superação de um modelo de textualidade por outro: antes, o que se pode observar pela tradição seguinte que a recebeu - no caso Shakespeare, entre outros - é que a dramaturgia da presença, da performance assistida presente nos textos gregos clássicos é analisada e tomada como ponto de partida para ampliações e novas possibilidades.

Nesta comunicação são discutidos o campo interartístico, híbrido, intergênero de *As Etiópicas* que de fato revela uma busca dos limites e possibilidades da tradição reinventada a partir de seus suportes performativos.

**PALAVRAS-CHAVE:** Dramaturgia, recepção, *As Etiópicas*, Cultura clássica.

### ABSTRACT

The reinvention of Greek tradition through fusion, hybridizations and aesthetic and cultural renegotiations reaches a key stage in Hellenism. With the expansion of images and texts from ancient Greece to Asia, Europe and Africa, the clashes between forms of expression and experiences produces a true living laboratory construction of identities and models of sociability.

Inside of Hellenism, more specifically in the Second Sophistic, we have a set of texts studied little until the late nineteenth century, grouped under the name 'Greek Romance'. Among the remaining narratives, there is the Heliodorus' *Aethiopica*.

In the Third Century Ad *Aethiopica* reprocesses the performative tradition recorded in the classical texts and resets this an entire literate scholarship. In reprocessing, however, this fictional experiment, we have not to overcome a model of textuality by another: rather, what can be seen by following the received tradition - i.e. Shakespeare, Verdi, among others - is that the dramaturgy of presence, assisted performance in this classic Greek

texts is analyzed and taken as a starting point for extensions and new possibilities.

In this communication are discussed the interartistic field, hybrid, inter-gender that Aethiopica reveals in its search of the limits and possibilities of the tradition reinvented from its performative bias.

**KEYWORDS:**

Dramaturgy, Reception, Aethiopica, Classics.

Seguem-se reflexões iniciais do projeto de Pós-doutorado em desenvolvimento da Universidade de Lisboa, sob supervisão da professora Marília Futre Pinheiro e financiamento da CAPES.

Dentro do Helenismo, mais especificamente na segunda sofística, temos um conjunto de textos pouco estudados até fins do século XIX, agrupados sobre o nome de 'Romance grego' (HÄGG 1983, FUTRE PINHEIRO 1990, SCHMELING 1996, FUTRE PINHEIRO 2005, WHITMARSH 2008, CUEVA 2004, HOLZBERG 2005, WHITMARSH 2011, FUTRE PINHEIRO 2013). No Brasil o único estudo mais abrangente sobre o tema é BRANDÃO 2005.

Estes textos de prosa de ficção são narrativas que reescrevem toda a tradição clássica grega, especialmente as obras épicas (Homero e Hesíodo), a tragédia grega e a filosofia grega. O caráter enciclopédico do 'romance grego' reside nessa relação intertextual com obras do passado as quais não apenas são citadas e comentadas como também suas técnicas e procedimentos são reutilizados.

A questão se torna mais complexa quando o hibridismo expressivo se conecta ao hibridismo cultural: as narrativas do 'romance grego' apresentam agentes em deslocamentos geográficos, atravessando ordenamentos sociais e culturas as mais diversas, sobrepondo referentes de diferentes historicidades (GOLDHILL 2002, HALL 2002, DETIENNE 2005, VLASSOPOULOS 2013). Não é por acaso que chegou até nós uma ínfima parte dessa produção escritural heterogênea e exploratória: apenas 5 narrativas completas e alguns fragmentos (REARDON & MORGAN 2008).

Entre as narrativas restantes destaca-se *As Etiópicas*, de Heliodoro (FEUILLTRE 1966, WINKLER 1982, FUTRE PINHEIRO 1987, BARTSCH

1989, HUNTER 1998). A posição extraordinária de *As Etiópicas* inicialmente diz respeito à amplitude de sua composição, que só se compara a Homero.

Para se ter uma aproximação dessa amplitude, basta perceber que das 828 páginas dedicadas a reunir fragmentos e obras restantes dos 'romances gregos', *As Etiópicas* ocupa 240 páginas (REARDON & MORGAN 2008: 349-588). Ou seja, *As Etiópicas* representa aproximadamente 30% do total de textos restantes do 'romance grego'.

Nesse aspecto, revela as ambições da obra que tomando as dimensões de Homero como parâmetro, e a partir disso, estabelece relações com toda a produção grega antiga, já que Homero é o arquiteceto dessa produção: se em Homero encontramos todos, como Platão afirmava, um projeto que compete com Homero efetiva vínculos com a tradição toda. Em *A República 606e - 607a*, Platão denomina Homero como "o maior dos poetas e o primeiro dos Tragediógrafos."

Por isso a crítica contemporânea pode observar a contradição entre a designação (romance grego) e a organização da obra: Em *As Etiópicas* é grande a frequência de passagens que não somente se valem de termos relacionados ao teatro, como também cenas que se organizam a partir de técnicas da dramaturgia grega na tensão e/ou justaposição entre relatar e mostrar organiza o texto (WALDEN 1984, AGAPITOS 1998, BARTSCH 1989, COURAUD-LALANNE 1998, DWORACKI 1996, LAPLACE 2001, MARINO 1990, PAULSEN 1992).

Nestes autores supracitados, o que se entende por 'marcas cênicas' do textos é a disposição do relato dentro de uma moldura cênica ou uma performance assistida: alguém executa alguma ação para alguém que a observa. Essa forma de organização dos eventos aproxima o texto inserido em uma tradição baseada na interação leitor/obra de uma situação recepional performer/audiência, que presidia a textualidade das obras de Homero, dos dramaturgos gregos e de Platão, pelo menos (NAGY 1996, MOTA 2009, MOTA 2013).

Dessa maneira, *As Etiópicas*, no século III de nossa era reprocessa a tradição performativa registrada nos textos clássicos e a redefine a partir de toda uma erudição letrada. Neste reprocessamento, no entanto, neste experimento ficcional, não temos a superação de um modelo de textualidade

por outro: antes, o que se pode observar pela tradição seguinte que a recebeu - no caso Shakespeare, entre outros - é que a dramaturgia da presença, da performance assistida presente nos textos gregos clássicos é analisada e tomada como ponto de partida para ampliações e novas possibilidades (GESNER 1982, STAGMAN 2010). Tanto que a crítica contemporânea, além de se aproximar a narrativa de *As Etiópicas* do teatro, temos a indexação da obra a técnicas cinematográficas (WINKLER 2000-2001, TELÒ 2011).

Assim, o campo interartístico, híbrido, intergênero de *As Etiópicas* de fato revela uma busca dos limites e possibilidades da tradição reinventada a partir de seus suportes performativos. A organização audiovisual das cenas acarreta o primado de uma experiência cenicamente orientada, que é diversificada no texto da obra, a qual, ao fim, transparece como o registro não apenas de procedimentos, e sim de um saber, de uma reflexão sobre essa prática intensa de configurar efeitos por um estudo do repertório.

Para se compreender o impacto desse *know-how* presente em *As Etiópicas*, basta entender que em um momento posterior da transmissão, circulação e recepção da tradição grego-latina, durante o período elisabetano, as novidades do fim da carreira de Shakespeare têm direta relação com a leitura das narrativas restantes do 'romance grego'. Daí se compreende a dificuldade em classificar as obras últimas de Shakespeare (*Pérgles, Cimbelino, Conto de Inverno e A tempestade*), chamadas algumas vezes de Peças-romance, pois elas integram elementos de diversos gêneros (comédia e de tragédia) enfatizam imagens e referências arcaicas como magia e fantasia, e revelam maior relevância de *sound design* em sua realização (COBB 2010, LINDLEY 2005).

Desse modo, a ação shakesperiana se compreende dentro de um contexto de dramaturgias em contato e mútua iluminação, pois, ao se esclarecer a situação de Shakespeare leitor de *As Etiópicas*, podemos enfim defender algo pouco comentado na discussão de escritas cênicas: a produtividade da intertextualidade na dinamização de repertórios (MOTA 2013). As peças-romance de Shakespeare revitalizam o gesto de Heliodoro de responder à complexidade e heterogeneidade do evento cênico com uma

organização textual que explora tensões e acumulações audiovisuais e temáticas.

Nesse sentido, Shakespeare renova sua dramaturgia a partir do estudo e análise do texto de *As Etiópicas* produzindo novas obras, do mesmo modo que Heliodoro elabora *As Etiópicas* a partir do estudo e análise da tradição a ele precedente. A estreita colaboração entre dramaturgia, análise textual e repertório aqui é realizada em produtos estéticos que são eles mesmos a explicitação de modos de intervenção na tradição. Em outras palavras, tanto as peças-romance de Shakespeare quanto *As Etiópicas* de Heliodoro podem ser entendidas como ficções exploratórias das potencialidades dramaturgicas do repertório. São escritas dramaturgicas e ao mesmo tempo estudos de dramaturgia. Shakespeare e Heliodoro compartilham em suas obras esta hermetização estética que reúne em uma mesma realização um organização textual de procedimentos expressivos e uma seleção e daí conhecimento de obras do repertório. É obra estudada gerando mais obras.

Sendo assim, o estudo de uma dramaturgia impulsionadora de dramaturgias como a de Heliodoro proporciona a possibilidade de se colocar em discussão formas de construção da História do teatro, práticas de análise de textos cênicos e sobrevalorizações de opções estéticas. Em todo caso está o debate sobre os modos de produção de conhecimento em Artes Cênicas, sobre como dentro de currículos na graduação e na pós-graduação são efetuados ou não *links* entre o conhecimento e transformação de repertórios.

### **Referências Bibliográficas**

AGAPITOS,P. Narrative, Rhetoric, and 'Drama' Rediscovered: Scholars and Poets in Byzantium Interpret Heliodorus in HUNTER 1998: 125-156.

BARTSCH, S. *Decoding the Ancient Novel. The Reader and the Role of Description in Heliodorus and Achilles Tatius*. Princeton University Press, 1989.

BRANDÃO, J.L. *A invenção do romance*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2005.

COBB, C. *The Staging of Romance in Late Shakespeare: Text and Theatrical Technique*. Associated University Presses, 2010.

COURAUD-LALANNE, S. Théâtralité et dramatisation rituelle dans le roman grec, *Gronigen Colloquia on the Novel IX* (1998): 1-16.

CUEVA, Edmund P. *The Myths of Fiction: Studies in the Canonical Greek Novels*. Ann Arbor, 2004.

DETIENNE, M. *Les Grecs e Nous*. Paris: Perrin, 2005

DOWDEN, K. Heliodoros: Serious Intentions, *Classical Quarterly*, 46(1996): 267-285.

DWORACKI, S. 'Theatre and Drama in Heliodorus' *Aethiopica*'. *Eos* 54(1996):355-361.

ELMER, D. F., "Heliodoros's 'Sources': Intertextuality, Paternity, and the Nile River in the *Aithiopika*," *TAPA* 138.2 (2008) 411–450.

FEUILLTRE, È. *Études sur lês Éthiopiennes D'Héliodore*, Presses Universitaires de France, 1966.

FUTRE PINHEIRO M. *Estruturas Técnico-Narrativas nas Etiópicas de Heliodoro*. Tese de doutorado, Universidade de Lisboa, 1987.

FUTRE PINHEIRO M. Aspectos Formais do Romance Grego, in *Os Estudos Literários: (Entre) Ciência e Hermenêutica, Actas do I Congresso da Associação Portuguesa de Literatura Comparada*", vol. I, Lisboa, 1990, pp.223-229.

FUTRE PINHEIRO M. Pour une Lecture Critique des *Éthiopiennes* d'Héliodore, *Euphrosyne* n.s. 20, Lisboa, 1992, pp.283-294.

FUTRE PINHEIRO M. Origens grega do género. In: VVAA(Eds.) *O Romance Antigo. Origens de um Género Literário*. Universidade de Coimbra/Università degli Studi di Bari, 2005, 9-32.

FUTRE PINHEIRO M. Representações do Outro. Masculino/Feminino nos Romances Gregos de Amor in Actas do IV Congresso da APEC (Otium et Negotium. As Antíteses na Antiguidade), Lisboa, Vega, 2007, pp 25-37.

FUTRE PINHEIRO M. Utopia and Utopias: a Study on a Literary Genre in Antiquity”in S. N. Byrne, E.P. Cueva, J. Alvares (eds), *Ancient Narrative. Authors, Authority, and Interpreters* (Supplementum 5), Grogingen, Baskhuis Publishing and Groningen University Library, 2006, pp. 147-171.

FUTRE PINHEIRO, M. Time and Narrative Technique in Heliodorus' *Aethiopica*. Aufstieg und Niedergang der Römischen Welt, Band II 34.4 (1998): 3148-3173.

FUTRE PINHEIRO, M. Aspects de la problématique sociale et économique dans le roman d'Héliodore" in *Piccolo Mondo Antico*, ESI, Napoli ,1989, pp. 17- 42.

FUTRE PINHEIRO, M. Calasiris' story and its Narrative Significance in Heliodorus' *Aethiopica*" in *Groningen Colloquium on the Novel*, vol. 4, Egbert Forsten, Groningen, 1991, pp. 69-83.

FUTRE PINHEIRO, M. As Etiópicas de Heliodoro no contexto literário da Segunda Sofística . In VVAA, *Ética e Estética nos Estudos Literários*. Curitiba: Editora UFPR, 2013, pp 523-549.

GESNER, C. *Shakespeare and the Greek Romance*. University Press of Kentucky. 1982.

GOLDHILL, S. *Who Needs Greek? Contests in the Cultural History of Hellenism*. Cambridge University Press, 2002.

GROVES, R. W. Cross-Language Communiation in Heliodorus' *Aethiopica*. Tese de doutorado, University of California, 2012.

GUAL,C.G. *Los Orígenes de al novella*. Ediciones Istmo,1972.

HÄGG, T. *The Novel in Antiquity*. University of California Press, 1983.

HALL, E (Org.). *Theorising Performance: Greek Drama,Cultural History and Critical Practice*. Gerald Duckworth, 2010.

HALL, J. *Hellenicity: Between Ethnicity and Culture*. The University of Chicago Press, 2002.

HERINGTON, J. *Poetry into Drama. Early Tragedy and the Greek Poetic Tradition*. University of California Press, 1985.

HOLZBERG, N. *Ancient Novel. An Introduction*, Routledge, 2005.

HUNTER, R. (Ed.) *Studies in Heliodorus*. Cambridge Philological Society Supplementary Volume no. 21, Cambridge Philological Society, 1998.

LAPLACE, M. Theatre et Romanesque dans Les Ethiopiques d' Heliodore, *Rheinisches Museum für Philologie* 144 (2001):373-396

LEVIN, S. *The Ancient Quarrel Between Philosophy and Poetry Revisited. Plato and the Greek Literary Tradition*. Oxford University Press, 2001.

LINDLEY, D. *Shakespeare and Music*. Arden Shakespeare, 2005.

MARINO, H. Il Teatro nel Romanzo: Eliodoro e il Codice Spettacolare, *Materiali e Discussioni per l'Analisi dei Testi Classici* 25(1990): 203-218.

MARTINDALE, C. e BOOTH, A. (Eds.) *Shakespeare and the Classics*. Cambridge University Press, 2004.

MOTA, M. *A dramaturgia musical de Ésquilo. Investigações sobre composição, realização e recepção de ficções audiovisuais*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2009.

MOTA, M. *Nos passos de Homero. Ensaio sobre performance, filosofia, música e dança a partir da Antiguidade*. São Paulo: Annablume, 2013.

MOWAT, B. *The Dramaturgy of Shakespeare's Romances. The Romances as Open Form Drama*. The University of Georgia Press. 1976.

NAGY, G. *Poetry as Performance. Homer and Beyond*. Cambridge University Press, 2006.

PAULSEN, T. *Inszenierung des Schicksals. Tragödie und Komödie in Roman des Heliodor*. Trier: WVT Wissenschaftlicher Verlag Trier, 1992.

REARDON, B.P. & MORGAN, J.R. *Collected Ancient Greek Novels*. University of California Press, 2008.

REIG, C. M., "Les Etiòpiques: la novella com a paròdia dels gèneres dramàtics," *Studia philologica Valentina* (2010) 105– 118.

REYNOLDS, S. Pregnancy and Imagination in the Winter's Tale and Heliodorus' Aithiopika, *English Studies*, 5(2003): 433-447.

REYNOLDS, S.. 'Cymbeline and Heliodorus's Aithiopika . 'The Loss and Recovery of Form', *Translation and Literature*, 13(2004):24-48.

SCHMELING, G.(Org.) *The Novel in the Ancient World*. Leiden: Brill, 1996.

SHALEV, D. Heliodorus' Speakers: Multiculturalism and Literary Innovation in Conventions for Framing Speech BICS 49(2006):165-191.

STAGMAN, M. *Shakespeare's Greek Drama Secret*. Cambridge Scholars Publishing, 2010.

TELÒ, M. The Eagle's Gaze in the Opening of Heliodorus' *Aethiopica*," *American Journal of Philology* 132.4(2011): 581-613.

VLASSOPOULOS, K. *Greeks and Barbarians*. Cambridge University Press, 2013.

WALDEN, J.W.H. 'Stage-terms in Classical Philology', *HSCP*, 5 (1894):1-43.

WHITMARSH, T. *Narrative and Identity in the Ancient Greek Novel*. Cambridge University Press, 2011.

WHITMARSH, T.(Org.) *The Cambridge Companion to The Greek and Roman Novel*. Nova York: Cambridge University Press, 2008.

WINKLER, M. The Cinematic Nature of the Opening Scene of Heliodorus' Aithiopika. *Ancient Narrative*, 1(2000-2001): 161-184.